

DIA 17  
23h30



UNIDOS DE VILA ISABEL

Assista aqui ao  
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

**Fundação**  
04/04/1946  
**Cores**  
Azul e Branco  
**Presidente de Honra**  
Martinho da Vila  
**Presidente**  
Luiz Guimarães  
**Carnavalesco**  
Leonardo Bora e  
Gabriel Haddad  
**Diretores de Carnaval**  
Moisés Carvalho  
**Intérprete**  
Tinga  
**Mestre de Bateria**  
Macaco Branco  
**Rainha de Bateria**  
Sabrina Sato  
**Mestre-Sala e  
Porta-Bandeira**  
Raphael Rodrigues e  
Dandara Ventapane  
**Comissão de Frente**  
Alex Neoral e Márcio Jahú

ENREDO

MACUMBEMBÊ, SAMBOREMBÁ: SONHEI QUE UM SAMBISTA SONHOU A ÁFRICA

**AUTORES:**  
Andre Diniz,  
Evandro Bocão E  
Arlindinho  
**INTÉRPRETE:**  
Tinga

Sonhei macumbembê, sonho samborembá  
macumba é samba e o samba é macumba  
pode até fazer quizumba, só não pode é  
separar  
sonho samborembá, macumbembê  
vem da mãe-terra, firmou ponto na Bahia  
e na África pequena germinou pra florescer  
ê, quilombo... É a pedra do sal  
arraigou em terreiro e quintal  
no chão batido assentou o fundamento  
foi o Lino de madrinha  
de padrinho, espelhamento  
flutuou na capoeira ao perfume de Ciata  
negro príncipe de ouro...

O anjo de asas de prata

**Um ogã-alabê, macumbeiro  
a fumaça do cachimbo, preto-velho  
soprou  
encanto da gira e da roda de bamba  
poesia na curimba, batuqueiro e cantor**

foi do lundu e do cateretê  
alinhou no linho santo, cavaquinho na mão  
apaixonado Pierrot, afro-rei  
a flecha certa de Oxóssi na canção  
reluz nas escolas, em Noel e Cartola  
ganhou o mundo com o mundo de Paulo

Brazão  
de todos os tons, a Vila negra é  
de todos os sons, a negra Vila é  
de China e Ferreira, mocambo macacos e pau  
da bandeira  
da nossa favela branca e azul do céu  
no branco da tela, o azul do pincel  
vem ser aquarela, pintar a unidos de Vila Isabel

**Ora yê yê ô, Oxum  
kabecilê, Xangô  
meus sonhos e tambores, tintas e  
“prazeres”  
pra você, Heitor**



A Vila Isabel associa o samba à macumba e a macumba ao samba, como tão bem nos ensinou Heitor dos Prazeres

UMA TELA VIVA  
COM SAMBA  
E MACUMBA

AFFONSO NUNES

“A Macumba é o ritual mais aproximado do Samba. Já está a Macumba aí. Quanto ao Samba... a origem do Samba é a Macumba.” A frase de Heitor dos Prazeres, registrada em depoimento ao Museu da Imagem e do Som em 1966, resume o conceito central do desfile da Unidos de Vila Isabel para o Carnaval de 2026. Com o enredo “Macumbembê, Samborembá: Sonhei que um sambista sonhou a África”, a escola propõe uma imersão no universo criativo de Heitor,

sambista, pintor, compositor e um dos grandes nomes da cultura popular brasileira. Desenvolvido pelos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, o enredo não segue uma linha biográfica tradicional. A proposta é costurar sonhos, memórias, imagens e símbolos que atravessam a obra de Heitor, conectando a Pequena África carioca a uma África sonhada, reinventada e celebrada como território espiritual, artístico e comunitário. “A ideia nunca foi copiar ou refazer as telas do Heitor na Avenida, mas retirar referências, imagens poéticas, as cores, as formas dos personagens e levar isso para o nosso desfile. A gente observou muito as estam-

parias presentes na obra dele, a paleta de cores e a maneira como ele representava o cotidiano”, explica Gabriel. A narrativa começa com Lino, apelido do menino artilheiro que cresceu entre as ruas do Rio e as famílias de sangue e de santo. Foi por meio de Hilário Jovino, seu padrinho, que conheceu o reino de Ciata, a mais afamada das Tias em cujos quintais o samba fervia. Na casa de Tia Ciata, lugar da roda onde a Macumba e os tambores educavam pelo toque, o jovem Lino foi Alabê-Nilu, comparsa de Pixinguinha, cantor-tocador de atabaques, Ogã de Xangô e de Oxum. Ali, no terreiro que era casa e travessa, tudo estava misturado: caboclos e pretos-velhos, fumaças dos cachimbos, pés descalços vibrando a gira. Guiado por Hilário e Hilária, o menino cresceu intrépido e virou Mano Heitor do Cavaco. Sempre muito alinhado, gravata borboleta, paletó bem cortado, anéis reluzindo nos dedos, era a nata da malandragem, a modernidade negra. Um dândi a flunar por bares e gafieiras, costurando a cidade inteira. Quando vinha o carnaval, a disputa se acentuava. No concurso de Zé Espinguela ganhou o primeiro lugar. Escolas de samba nasciam e o moço estava no meio: Deixa Falar, Portela, Mangueira. Em cada pavilhão um reinado, o bordar de uma nova estrela. Brindou com Noel Rosa, pegou o bonde da história vestido de baiana. Pintou e bordou, este líder nato. Foi mestre da própria oficina, nas tramas da moda, nos palcos e coxias, sob as luzes dos cassinos, no vuco-vuco das Bienais. Gravou a Macumba em disco para consagrar a fé e a farra como a fusão maior. Até gentes de outras terras, Josephine Baker, Orson Welles, se deixaram guiar pela ginga do alfaiate-pintor. Um dos eixos centrais do enredo é a conexão Brasil-África, construída a partir da participação de Heitor no Primeiro Festival Mundial de Artes Negras, realizado em Dakar, Senegal, em 1966. “A relação África-Brasil se dá no nosso enredo por conta da participação do Heitor nesse festival. Ele foi pessoalmente, expôs obras e também foi representado por um documentário. E a própria Vila Isabel também esteve presente nesse momento histórico”, conta Gabriel. Elementos simbólicos desse universo estarão presentes nas fantasias e alegorias: pisos de taco, instrumentos musicais que dialogam com o samba e com os rituais, pontos riscados, estrelas, velas e referências diretas aos terreiros e às práticas religiosas afro-brasileiras. A proposta é transformar a avenida em uma grande tela viva, onde fé, arte e música se confundem e se complementam.